

ANTONIO CANDIDO, LEITOR DE POESIA (EM TORNO DE UM ARTIGO DE ÍTALO MORICONI)

Rodrigo Martins RAMASSOTE¹

RESUMO: Este artigo pretende explorar algumas questões relacionadas aos cursos voltados para a análise de poesia oferecidos por Antonio Candido à frente do curso e, posteriormente, área de Teoria Literária e Literatura Comparada (TLLC), com especial interesse em três frentes de análise: a) descrever a estrutura e dinâmica de funcionamento do curso de TLLC, evidenciando o papel desempenhado pelos cursos dedicados à análise de poesia; b) avançar na discussão sobre o conceito de poesia defendido por Candido, reavaliando a questão do tradicionalismo de sua paideuma e de suas preferências literárias; c) colocar em evidência a disputa simbólica pelo legado modernista existente entre o grupo nucleado ao redor de Candido e os poetas concretista, por meio da leitura de *O tupi e o alaúde*, de Gilda de Mello e Souza.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido. Estudo analítico do poema. Crítica literária acadêmica em São Paulo. Sociologia da literatura.

Este artigo pretende explorar algumas questões relacionadas aos cursos sobre análise de poesia oferecidos por Antonio Candido à frente do curso e, posteriormente, área de Teoria Literária e Literatura Comparada (TLLC), durante a década de sessenta, período em que ele atuou como o seu principal professor, orientador e responsável. Embora não tenha tratado tal assunto de modo sistemático em minha dissertação de mestrado (RAMASSOTE, 2006), deixando-o disperso em passagens e indicações para futuras pesquisas, meu interesse por esse tópico específico foi retomado pela leitura de um artigo de Ítalo Moriconi (2002)² no qual o autor preocupa-se em discernir no conjunto da produção intelectual de Candido

¹ IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luis – MA – Brasil. 65010-680 – ramassote@hotmail.com. Este trabalho baseia-se em minha dissertação de mestrado, intitulada *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961 – 1978)*, defendida no Departamento de Antropologia Social do IFCH-UNICAMP sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Heloisa Pontes.

² Embora tivesse notícia durante a redação de minha dissertação do importante volume organizado por Raúl Antelo (2002), apenas recentemente tive acesso a ele.

as “determinações amplas” de uma “pedagogia do poema” (isto é, da especificidade de um método crítico voltado para a análise de poesia, idealizado e transmitido aos alunos e discípulos). Se me permito tomar como fio condutor, em diálogo estreito, o artigo de Moriconi, isto ocorre porque em vários pontos nossas análises se cruzam, e, creio, podem ser complementadas. Passando ao largo (mas nem sempre), a um só tempo, das atitudes, igualmente equivocadas, que oscilam entre a defesa apologética dos discípulos e admiradores e a recusa intransigente de opositores e desafetos, o autor coloca em pauta questões pertinentes para se pensar o legado de parte da obra crítica de Candido, ainda que em alguns momentos sua argumentação se ressinta de informações acerca dos meandros acadêmicos que amparam o projeto intelectual de seu objeto de análise.

Com este propósito, irei enveredar por três frentes de discussão: a) qualificar com maior precisão o papel desempenhado pelos cursos dedicados à análise de poesia no conjunto da estrutura e dinâmica de funcionamento do curso de TLLC; b) avançar na discussão sobre o conceito de poesia defendido por Candido, reavaliando uma questão insistentemente colocada por parte de sua recepção crítica: o tradicionalismo de sua paideuma e de suas preferências literárias no campo da poesia; c) colocar em evidência a disputa simbólica pelo legado modernista existente entre o grupo nucleado ao redor de Candido e os poetas concretista, por meio da leitura de *O tupi e o alaúde*, de Gilda de Mello e Souza (2003).

Na sala de aula: O estudo analítico do poema

De saída, parece-me importante descrever, em linhas gerais, a constituição do arcabouço institucional do curso de TLLC, responsável, como todo sistema de ensino³, pela inculcação do sistema pedagógico que Moriconi procura delinear os contornos. Em minha opinião, somente a partir desta descrição é que poderemos avaliar a efetiva importância e os contornos assumidos pelos cursos centrados no estudo analítico do poema no interior do projeto acadêmico propugnado por Candido, bem como a repercussão deles na montagem e consolidação do nicho acadêmico em apreço.

Com o apoio de um grupo de professores da USP, Candido solicitou à Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1959 quando ainda estava lecionando na cadeira de literatura brasileira da recém-inaugurada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, do Instituto Isolado de Ensino Superior do Governo do Estado de São Paulo (atualmente integrado

³ Ver, por exemplo, Bourdieu (2001).

à UNESP a criação, em caráter experimental, do curso de “Teoria Literária” para integrar o currículo da graduação em Letras, com o objetivo de aperfeiçoar a formação acadêmica dos alunos nessa área de estudos. Ao iniciar as atividades, no início de 1961, seu currículo acadêmico ficou composto da seguinte forma: na graduação, foram criadas duas disciplinas, inicialmente facultativas “Introdução aos Estudos literários” (que logo depois, já em 1963, tornou-se obrigatória) oferecida para os alunos ingressantes do primeiro ano, e “Teoria Literária” destinada às turmas do quarto ano, ambas ministradas por Candido.

Enquanto que para os alunos de “Introdução aos estudos literários”, o conteúdo da matéria lecionada, conforme indicação de Candido (1995a), consistia na discussão sobre a natureza da obra literária; dos fatores internos (normas, gêneros, estilo) e externos (sociais, culturais e psíquicos); da função social, recepção crítica e influência cruzada entre obras; e, por fim, dos modos de estudá-las (erudito, histórico, analítico e ensaístico), embasada em leituras de ficção e poesia centradas de preferência em “autores tradicionais”, destacou-se Gregório de Mattos, Raimundo Correia, alguns trechos de José de Alencar e contos de Machado de Assis, os cursos de “Teoria Literária”, oferecidos para o quarto ano, concentravam-se em estudos monográficos ou seminário em torno de um problema, tomando como suporte autores clássicos e escritores vinculados ao movimento modernista.

Já no nível da pós-graduação por enquanto “Especialização” ou quinto ano –, o curso de TLLC começou a oferecer as primeiras disciplinas formativas a partir de 1961, visando assegurar a continuidade do ensino e o aprofundamento da formação profissional dos alunos, conjugando docência, pesquisa e produção científica através de cursos monográficos, conduzidos em regime de seminários de discussão, nos quais se debatiam preferencialmente a produção poética de autores modernistas.

No âmbito desta estrutura curricular, os cursos dedicados ao exame da produção poética ficaram circunscritos aos seguintes anos, com os seus respectivos objetos de estudo: para o quarto ano da graduação, os anos de 1963/1964 centraram-se no estudo da poesia de Manuel Bandeira; na “Especialização”, 1963 teve como assunto a obra poética de Mário de Andrade, seguido, em 1964, da leitura das obras poéticas de Carlos Drummond de Andrade. Interrompidos em 1965, quando Candido foi convidado para lecionar na Universidade de Paris VIII (*Sorbonne*) e no *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*, permanecendo na França durante todo o ano letivo⁴, os cursos sobre poesia são retomados em 1966, com a análise do poema

⁴ Em Paris, Candido ministrou, para a graduação, disciplinas sobre a poesia, analisando a produção poética indianista de Gonçalves Dias, os principais poetas árcades e a obra de Carlos Drummond de Andrade. Tais escolhas temáticas, no entanto, decorrem de imposições “[...] de programas pré-determinados que eu tive que seguir. Eu dava aulas na *Sorbonne* e no *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*, seguindo em ambos exatamente o que o Ministério da Educação Francesa havia

“I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, e 1967, com a leitura de Gregório de Matos, Românticos e Bandeira⁵.

Na apresentação do programa de ensino do curso ministrado para o quarto ano da graduação⁶, Candido esclarece que a disciplina não tem como objetivo discutir o “problema da criação poética em abstrato”, da “natureza íntima” da poesia, mas abordar manifestações concretas de poemas. Tal preocupação expressa a postura pedagógica central adotada no âmbito das atividades de ensino do curso: “[...] ensinar de maneira aderente ao texto, evitando teorizar demais e procurando a cada instante mostrar de que maneira os conceitos lucram em ser apresentados como instrumentos de prática imediata, isto é, análise.” (CANDIDO, 2004, p.8). Em parte pela propalada “vocação para o concreto”, em parte pela influência do exercício precoce da atividade crítica na grande imprensa⁷, as diretrizes gerais das práticas de ensino adotadas assentam sobre a importância atribuída por Candido ao estudo detido de cada poema específico, no qual as discussões de ordem teórica estão entranhadas no cerne da prática textual “teoria literária aplicada” como ele definirá anos depois (CANDIDO, 1993b, p.114), tendência que se contrapunha ao “[...] ensino de literatura vigente nesse período, marcado sobretudo pelo ângulo histórico: biografia dos autores e caracterização dos períodos literários.”⁸

Vejamos, inicialmente, os cursos oferecidos para os alunos da graduação dedicados à leitura de poemas de Manuel Bandeira. Do ponto de vista do programa de ensino, a escolha de um poeta modernista como tema de análise consistiu em uma opção inovadora e, até então, incomum no interior dos cursos de Letras, cujo currículo, nesta altura, não admitia o estudo da literatura contemporânea, seguindo critérios vigentes em âmbito mundial, os quais estabeleciam como legítimas apenas as análises de autores já ajuizados pela tradição crítica⁹. Contrapondo-se aos padrões vigentes sintetizados pela afirmação do professor Fidelino de Figueiredo, para quem “[...] só se estuda autor morto, porque a obra já está fechada e você pode fazer a avaliação”¹⁰, Candido investiga boa parte da produção poética modernista nos cursos com alunos do quarto ano e da “Especialização”¹¹.

determinado. Em geral, eles incluíam nos curso autores que seriam objetos de concursos, para exames do 3º ciclo.” (Depoimento concedido a Rodrigo Martins Ramassote em 15 jun. 2005).

⁵ Tais informações foram extraídas do memorial de Candido, apresentado ao Departamento de Lingüística e Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para concurso de Professor Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada realizado em 1974.

⁶ Parte do conteúdo do curso foi reproduzido em Candido (2004).

⁷ Cf. CANDIDO, 1992.

⁸ Depoimento concedido a Rodrigo Martins Ramassote em 15 jun. 2005.

⁹ Sobre o pioneirismo ao erigir o movimento modernista como “tema de pesquisa histórico-literária”, ver Prado (1992) e Arrigucci Junior (1999).

¹⁰ Depoimento concedido a Rodrigo Martins Ramassote em 15 jun. 2005.

¹¹ Sobre tal tendência, Candido (2002d, p.25) afirma: “Há uma tradição universitária, não brasileira, mas universal, de você só estudar autores mortos. Tem uma certa justificativa: a obra está pronta, você

Pode-se recompor com nitidez o andamento das discussões realizadas durante as aulas do curso com base no depoimento de Maria Thereza Fraga Rocco (1992). Segundo ela, durante as primeiras aulas Candido indicou aos alunos a leitura da recém-publicada *Antologia Poética* do poeta pernambucano, orientando-os

[...] para que lêssemos todos os poemas e anotássemos o nome daqueles que mais nos tinham atraído. Era tarefa para a aula seguinte. Não se tratava exatamente de uma ordem – antes uma indicação de caminho que pessoa alguma sequer cogitava em não seguir [...]. Antonio Candido, como fazia com todos os textos que cada um de nós indicava, leu o poema todo, *disse* o poema, daquela forma tão especial que caracterizava suas leituras em classe. (ROCCO, 1992, p.177).

Ao final, “[...] a escolha recaiu em “Última Canção do Beco”. Semanas e semanas permanecemos debruçados sobre o poema.” (ROCCO, 1992, p.177)¹².

Se levarmos a sério uma afirmação de Candido (1993a, p.39, grifo nosso) que assinala o fato de que “[...] as aulas estimulavam meus escritos, e quase todos os meus *ensaios são sucedâneos de cursos e conferências* [...]”¹³, poderemos obter uma visão aproximada do conteúdo dos cursos e das questões neles debatidas. Em “Estrela da Vida Inteira”, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza (1980, p.58) constataam na produção poética de Manuel Bandeira um

[...] certo tipo de materialismo que o faz aderir à realidade terrena, limitada, dos seres e das coisas, sem precisar explicá-los para além de suas fronteiras; mas denotando um tal fervor, que bane qualquer vulgaridade e chega, paradoxalmente, a criar uma espécie de transcendência, uma ressonância misteriosa que alarga o âmbito normal do poema.

tem uma perspectiva completa. Na França, por exemplo, o primeiro autor moderno a ser estudado na Sorbonne foi Guillaume Apollinaire, em 1960, mais ou menos, depois de 42 anos de sua morte em 1918, por iniciativa de uma mulher, Marie Jeanne Durry. Objeto de tese podia ser, como Valéry foi ainda vivo. Mas dar curso para os alunos não podia. Isso é universal.” No entanto, Candido (2002d, p.25), à frente do curso, adotou “[...] um ponto de vista diferente, inclusive devido ao que li no Anuário do Instituto de Inglês, da Universidade de Columbia, para o ano de 1940, livro que Mário de Andrade me deu. Lá havia um estudo de William York Tindall sobre a pesquisa erudita em literatura contemporânea, tão legítima quanto qualquer outra.”

¹² No “Prefácio” de *Na sala de aula* encontra-se: “Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha *explication de texte* dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício.” (CANDIDO, 1995d, p.6).

¹³ Walnice Galvão (1992, p.48) recorda que a “[...] seus jovens colaboradores ensinava, com paciência e reticência, que os alunos merecem a atenção de uma aula previamente preparada. [...] A aula deve ser estudada, fundamentada, redigida... e até batida à máquina de antemão. Com isso, dizia, em vez de vocês dispersarem seus esforços, a cada par de anos poderão dispor de um ensaio original quase pronto para publicar.”

Avaliando o percurso estilístico da obra poética de Bandeira, da influência literária penumbrista às conquistas estéticas modernistas, o casal assinala o progressivo aprofundamento de tal procedimento literário em sua poesia madura, na qual o cotidiano é tratado “[...] com um relevo que sublinha a sua verdade simbólica e, inversamente, o mistério tratado com uma familiaridade minuciosa e objetiva que o aproxima da sensibilidade cotidiana [...]” (SOUZA; CANDIDO, 1980, p.63)¹⁴.

Desse núcleo central derivam os principais temas e procedimentos da poética bandeiriana: a frustração diante das alternativas de vida interceptadas pela doença, a visão onírica como refúgio imaginário, a musicalidade dos versos, o golpe de vista certo para surpreender o “momento poético”, a evocação da morte e o sentido das imagens recorrentes da rosa e estrela e, finalmente, o estilo despojado de artifícios retóricos, reduzido ao essencial.

Com relação aos cursos lecionados na “Especialização”, o primeiro deles voltado ao estudo analítico do poema, oferecido em 1963, focalizou a obra de Mário de Andrade, principal figura do modernismo paulista, com quem Candido manteve relações pessoais e intelectuais, e de quem tornou-se, de certa forma, herdeiro e porta-voz ao contribuir para sedimentação de sua obra literária no interior da academia¹⁵.

Durante meses os alunos investigaram com minúcia o poema “Louvação da Tarde”. Mais uma vez, os parâmetros do debate em sala de aula podem ser obtidos pela leitura de um ensaio de Candido (1993b): “O poeta itinerante”. Para o crítico, esse longo poema meditativo, escrito em outubro de 1925, registraria tanto um momento de guinada no itinerário poético de Mário de Andrade, ao realizar a transição da poesia “mais exterior dos primeiros tempos de luta modernista” para as “manifestações de um lirismo mais profundo, menos comprometido com a notação exterior e o pitoresco”, quanto transformações mais gerais no interior do ideário estético do movimento modernista, ao incorporar “as conquistas expressionais e temáticas a um esquema do passado”, indicando que a “mensagem da vanguarda poderia se entroncar na tradição” (CANDIDO, 1993b, p.258). Por meio de uma “descrição crítica” da composição do poema, baseada no exame de seus aspectos técnicos (versificação, ritmo e vocabulário) e de comparações com certas modalidades tradicionais de poesia meditativa romântica, de procedência inglesa e francesa, Candido demonstra

¹⁴ Exemplo da parceria conjugal avistada por Waizbort (2007) seriam, nesse ensaio, as aproximações da poesia de Bandeira com a música e a pintura, interesses recorrentes na visada crítica de Gilda de Mello e Souza. Retomarei esta questão na terceira parte do artigo.

¹⁵ Conforme Pontes (1998) demonstra, ao examinar as relações entre o grupo *Clima* e os principais expoentes do modernismo paulista, se, num primeiro momento, os jovens universitários enfatizaram sua diferença em relação a eles utilizando-se como marca distintiva a formação rigorosa e treinamento técnico recebidos dentro da FFLC/USP, numa fase posterior eles se reconhecem como herdeiros legítimos dessa linhagem intelectual.

as inovações conferidas pelo escritor paulista nesse subgênero poético: a presença do automóvel no lugar da caminhada solitária ou a cavalo e a extensa amplitude do devaneio, abarcando tanto reflexões pessoais quanto ponderações de ordem mais geral sobre o país. Por tudo isso, conclui que “‘Louvação da tarde’ parece transcender ao tempo, na medida em que encarna também o andamento da produção literária, mostrando que Mário de Andrade era capaz de passar do modernismo propriamente dito à modernidade, que recupera a tradição de superá-la.” (CANDIDO, 1993b, p.278).

No ano seguinte, o curso oferecido abordou o universo poético de Carlos Drummond de Andrade, cujo conteúdo debatido pode ser entrevisto a partir do ensaio “Inquietudes na poesia de Drummond”. Identificando, no bloco central da obra poética do escritor mineiro (redigida entre 1935 e 1959), certas inquietações recorrentes, Candido chama a atenção para a relação conflituosa de fundo entre a experiência existencial e social individual e coletiva na construção do discurso lírico do autor, ambas referidas “[...] ao problema decisivo da expressão, que efetua a sua síntese.” (CANDIDO, 1995b, p.112). Encaradas como um “núcleo emocional a cuja volta se organiza a experiência poética” de Drummond, tais tensões, segundo Candido, desdobram-se em certas preocupações constantes, tais como o sentimento permanente de culpa e negação do ser, expresso, no limite, pelo tema da automutilação; a relação difícil com o mundo social abrangente (sobretudo na esfera do amor conjugal, dos compromissos mundanos e da família); da incompreensão, incomunicabilidade e medo diante da realidade ao redor (a despeito das tentativas de engajamento e participação ensaiadas pela poesia social) e da lembrança remissiva da cidade natal, da casa familiar e da autoridade patriarcal na tentativa de se autocompreender, culminando na meditação sistemática, de ordem estética, “sobre o problema da poesia”¹⁶.

Observando, comparativamente, a distribuição dos cursos, na “Especialização” e, depois de 1966, na Pós-graduação (no regime antigo), voltados para o estudo da poesia que foram ministrados por Candido, constata-se que eles representam uma parcela significativa e mesmo predominante em relação aos dedicados à leitura da prosa de ficção e ao estudo de tópicos de teoria literária, contrariando a opinião corrente de que haveria “na escola uspiana de literatura” uma “clara preferência pelo romance” (MORICONI, 2002, p.249). No conjunto, os cursos oferecidos ao longo da década de setenta se dividem em três blocos sucessivos: exame da prosa de ficção

¹⁶ Restringirei meus comentários apenas aos dois primeiros cursos oferecidos, no biênio 1963/1964, por duas razões ponderáveis: a) de um lado, pela sua importância posto que neles ocorreu a inserção do estudo sobre o movimento modernista no interior da academia; b) de outro, não se pode apurar o conteúdo debatido no decorrer das aulas dos cursos de 1965 e 1966, tal como nos cursos que verificamos, já que não há nenhum ensaio derivado do conteúdo das discussões com os alunos.

(romance), nos anos de 1961 e 1962; análise de poesia em 1963, 1964, 1966 e 1967; e estudo de teoria literária no segundo semestre de 1968, 1969 e 1970.

No que diz respeito à consolidação das atividades de pesquisa e produção científica promovidas pelo curso de TLLC, os cursos sobre poesia, conforme nota com acerto Moriconi, tiveram repercussões profundas e decisivas. É no decorrer das aulas sobre Mário de Andrade que surgiu a idéia de proceder com os alunos interessados a um levantamento sistemático das anotações marginais inscritas no acervo de livros da biblioteca particular de Mário de Andrade¹⁷. Dessa iniciativa surgiram as primeiras dissertações de mestrado defendidas sob a orientação de Candido à frente do curso, já no regime antigo da Pós-Graduação¹⁸, inaugurando o conjunto de pesquisas sobre o movimento modernista, principal área temática de investigação do curso. Para a sua realização, tais trabalhos contaram com o apoio o apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa (Fapesp), que dava início ao fomento de pesquisas na área das ciências humanas¹⁹.

A pesquisa também repercutiu na incorporação do acervo pessoal de Mário de Andrade (composto de livros, documentos e obras de arte) ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), idealizado e fundado em 1962 por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda. De acordo com Caldeira, por sugestão de Antonio Candido, em carta dirigida ao Diretor do IEB sob a gestão, nesse período, de José Aderaldo Castello, deliberou-se “[...] a compra do acervo constituído em vida por Mário de Andrade, composto de biblioteca, com cerca de 15 ou 16 mil volumes, arquivos e fichários, preciosas coleções de desenhos, gravuras, imagens, ‘ex-votos’, quadros e esculturas.” (CALDEIRA, 2002, p.73).

Mas se os cursos dedicados à leitura de poesia possibilitaram a consolidação das atividades acadêmicas de pesquisa e produção científica do curso de TLLC, suscitando relatos entusiastas de ex-alunos²⁰, é de se notar, contudo, a ausência da

¹⁷ Cf. LOPEZ, 1992.

¹⁸ Ao regressar ao país, após lecionar durante o semestre letivo de 1965 na França, Candido decide expandir as atividades acadêmicas do curso, organizando o currículo da pós-graduação. A partir de então, o curso passa por alterações na estrutura curricular: em lugar da matéria isolada na “Especialização”, os alunos deveriam cursar um conjunto de disciplinas, composto por *Teoria Literária A e B*, ministrada por Antonio Candido, e *Teoria e História do Cinema*, sob a direção de Paulo Emilio Salles Gomes, ambas em regime obrigatório; *Sociologia da Arte*, a cargo de Ruy Coelho, *Estética*, lecionada por Gilda de Mello e Souza e, finalmente, *História da Arte*, oferecida por Walter Zanini, todas em caráter eletivo. Como se pode notar, a área ficou nucleada em torno de Antonio Candido, responsável por duas das disciplinas obrigatórias do currículo, sendo convocados para as demais, com exceção de Zanini, os principais membros do Grupo Clima. Formada ao redor de intelectuais que compartilhavam um certo ideário crítico comum, essa unidade curricular certamente assegurou uma forte integração institucional e intelectual no interior do programa de ensino e pesquisa do curso, contribuindo em larga medida para homogeneizar as disposições intelectuais e cognitivas dos alunos.

¹⁹ Confirma Forjaz (1989). Um depoimento mais completo se encontra em Candido (2002c).

²⁰ Para Davi Arrigucci Junior (1990, p.11), seu estudo de livre-docência, mesmo sendo redigido e apresentado num período bastante posterior de sua trajetória intelectual, poderia ser convenientemente

orientação de trabalhos científicos de pesquisa relacionados com o estudo da produção poética na primeira geração de formados por Candido. Embora alguns dos maiores poetas do modernismo tenham sido objeto de estudos em sala de aula e tenham se transformado em tema de trabalhos acadêmicos (sobretudo Mário e Oswald de Andrade), o recorte analítico das orientações, na primeira leva de orientandos²¹, ficou, paradoxalmente, restrito ao exame ou das suas obras ficcionais ou das suas intervenções em prosa. Ainda que possa se admitir a menor ocorrência de estudos na área de poesia em comparação à prosa como um fenômeno presenciado em âmbito acadêmico mundial, acredito que no caso do curso de TLLC haveria a possibilidade de se especular outras razões pertinentes. Em primeiro lugar, pode-se constatar que os principais estudos realizados na área de sociologia da literatura focalizaram sobretudo composições e estruturas narrativas em detrimento da poesia; além disso, as principais tendências da poesia moderna, de modo geral, rumaram em direção da autonomia da função poética, deixando de lado a preocupação com o referente social. Em consequência, os estudos sobre poesia apresentariam menores possibilidades de se explorar a relação entre expressão literária e contexto social, principal esforço analítico da obra de Candido. E com isso entramos no segundo tema deste artigo.

Poesia maior e menor

Quais os critérios que presidiram as escolhas dos autores analisados em sala de aula por Candido? Como compreender a formação desse repertório, composto por Bandeira, Drummond e Mário de Andrade, e, num segundo momento, Gregório de Mattos, poetas românticos e, novamente Manuel Bandeira? Acima vimos que tanto preocupações de ordem didática e pedagógica (a implementação de um programa seqüencial de disciplinas, partindo do exame de poesia tradicional, até chegar às rupturas estéticas promovidas pelos poetas modernistas) quanto o empenho em entronizar o movimento modernista no meio universitário podem, ao menos em parte, explicar o repertório de autores selecionados. Não obstante, resta a indagação: por que a escolha de tais autores em particular?

No conjunto da recepção crítica de Candido interessada neste assunto, duas afirmações que acabam por se conjugar sempre sobressaem: o caráter tradicionalista

considerado como um “[...] trabalho de aproveitamento que não pude entregar na hora certa para o Prof. Antonio Candido, em 1963, quando fiz o curso de Teoria Literária sobre o ‘Estudo analítico do poema’, baseado na obra de Bandeira.”

²¹ Somente num segundo momento, já entrando pelo final da década de setenta e além é que surgirão os primeiros trabalhos de fôlego tendo como tema a poesia de autores destacados do movimento modernista.

de seu repertório de escolhas poéticas²²; e certa incapacidade ou inadequação de sua visada crítica para a análise de poesia, sobretudo em suas manifestações de vanguarda. Retomado por Moriconi, com base na leitura de *O estudo analítico do poema*, o propalado conservadorismo do conceito e da crítica de poesia de Candido repousaria “em dois sentidos articulados”: de um lado, uma proposta pedagógica restrita, como ponto de partida, à questão do verso e da versificação tradicional, alheia à ruptura estética promovida pela moderna poesia; de outro, uma visão “reformista” da modernidade poética, que anseia pela superação da versificação livre com o movimento de retorno ao padrão tradicional.

Não creio, contudo, que a compreensão do conceito de poesia adotado por Candido se reduza ao exame da dimensão técnica da versificação, tampouco acredito que ela possa ser indicativa, por si só, de uma perspectiva conservadora. Ao meu ver, tal questão deve ser avaliada a partir da concepção mais geral do fenômeno literário como forma de conhecimento e expressão esteticamente elaborada que fundamenta o projeto crítico de Candido. Para tanto, lançarei mão de um escrito de juventude, “Notas de crítica literária – sobre poesia” (CANDIDO, 2002b), originalmente publicado em 1944, quando o jovem crítico ainda alternava a docência e pesquisa universitária no campo da sociologia com a publicação de artigos na grande imprensa e de livros na área que o consagrou.

Recuperando um artigo “polêmico, mas perfeitamente justo em suas apreciações de ordem estética” de Carlos Lacerda a propósito do absentismo da poesia de Manuel Bandeira, que autoqualificara sua poesia como menor, Candido discute a pertinência de se adotar como critério estético a oposição entre poesia menor (marcada pelo lirismo intimista e pela notação emotiva) e poesia maior (preocupada com a meditação sobre o homem e seus problemas), começando por assinalar que “a poesia moderna, a partir do simbolismo, tende a ser menor”, já que “[...] a aspiração de grande parte das correntes posteriores foi se limitar aos momentos poéticos, aos momentos raros em que uma emoção agudamente sentida fosse transmitida com pureza ao leitor.” Numa palavra: “a poesia passou, em boa parte, a querer ser pura”. Desincumbida da sondagem da experiência social, a poesia moderna, em sua grande maioria, teria se curvado sobre si mesma, “divorciando-se do literário para viver numa atmosfera rarefeita”, que desemboca não raro no silêncio e no hermetismo (CANDIDO, 2002b, p.153)²³.

²² A propósito do elenco de poetas investigados em *Na sala de aula*, Wanderley (1994, p.106) observa que “[...] não há, na escolha atual, nada que venha discrepar da coloratura geral da tradição, da tendência ao que ficou clássico [...]”.

²³ É bastante esclarecedora a leitura, no volume organizado por Dantas (CANDIDO, 2002e) dos rodapés e artigos dedicados à análise de poesia enfeixados na seção “Argumentos”, na qual pode-se encontrar um balanço geral das posições de Candido a respeito da poesia moderna.

Ao refletir sobre o conjunto da poesia brasileira, Candido verifica que “[...] ela é formada por uma maioria de poetas menores isto é, poetas de emoção não organizada e dirigida, que se contentam com a pincelada, o toque, a sugestão rápida, o momento de beleza.” Em compensação, “[...] não há quase poetas maiores isto é, aqueles que fazem do verso um instrumento de totalização da experiência humana, dirigindo-se tanto à inteligência quanto à sensibilidade ou ao gosto.” Para o jovem crítico

[...] não há superioridade, propriamente, de uns poetas sobre os outros. Há magníficos poetas menores – dos mais altos entre os modernos – e péssimos poetas maiores. Nenhum leitor de bom senso daria toda a obra de Baptista Cepellos, maior, pela Estrela da manhã do sr. Manuel Bandeira, menor. O que não há dúvida é que a supremacia do poema curto, centralizado em torno de uma simples emoção ou consistindo num jogo poético de habilidade, significa uma diminuição de tons da poesia, um divórcio do poeta com o mundo, a sociedade, pra confiná-lo a uma certa passividade ou a um certo enrolamento sobre ele próprio. (CANDIDO, 2002a, p.132).

O que chama a atenção nesse artigo, deixando de lado a significativa defesa da “poesia maior” como modelo e critério de valor que define “a grandeza real da poesia”, são os exemplos selecionados por Candido para comprovar a qualidade, e, por extensão, a superioridade, da poesia maior:

Leia-se o “Hino à tarde”, o “I – Juca – Pirama”, “Sub-tegmine fagi”, o “Navio Negreiro”. Modernamente, são maiores em boa parte da sua produção os senhores Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. A “Louvação da tarde”, e do segundo, e “Os ombros suportam o mundo”, do primeiro, escapam do lirismo, ao choque emocional, ao prazer singular, para se lançarem na meditação sobre o destino do homem, sobre grandes temas, sobre a sociedade. Poesia, portanto, de fôlego muito maior do que a asma estética dos simbolistas [...]. (CANDIDO, 2002a, p.132).

Embora seja um escrito da fase inicial da trajetória intelectual de Candido, redigido durante os primeiros anos de atividade militante como crítico, quando a excessiva preocupação com a função social e política da literatura turvava-lhe em parte o juízo crítico²⁴, não é difícil notar que os expoentes da poesia maior citados irão, posteriormente, se transformar em objeto de estudo dos cursos oferecidos no

²⁴ Cf. CANDIDO, 1992, 1988.

âmbito do curso de TLLC, todos eles preocupados em transfigurar em versos uma “meditação sobre o homem e os seus problemas”.

A “Escola Paulista de Literatura” e o Grupo Concretista

Como era de se esperar, ao se abordar a questão da crítica de poesia praticada em São Paulo, repontam no texto de Moriconi referências obrigatórias às disputas entre a “escola paulista de literatura” e o grupo concretista. De modo geral, tal controvérsia é apreendida pelo viés de uma oposição radical entre concepções e abordagens do fenômeno literário assentadas sobre pares antitéticos: formalismo versus sociologismo, esteticismo em contraste ao engajamento sociopolítico. No entanto, uma leitura cuidadosa das contendas revela que, por trás da disputa entre distintas abordagens e concepções do fenômeno literário entre os grupos, reside uma disputa simbólica de projetos intelectuais fundados em alianças acadêmicas e filiações intelectuais, modos legítimos de leitura e explicação de obras literárias e instauração de cânones literários, dinamizada por freqüentes embates e desqualificações recíprocas.

Não se pode averiguar com exatidão quando se iniciam as polêmicas e os desentendimentos mútuos entre o grupo de discípulos formado ao redor de Candido (que, aliás, nunca tomou parte diretamente das contendas²⁵) e os poetas concretistas. No entanto, à medida que se ampliam os respectivos engajamentos institucionais de ambos os grupos, entrincheirados nos quadros universitários da USP e PUC, as invectivas se amiúdam, tornando-se mais freqüentes e encarniçadas.

Sem pretender analisar, nos limites deste artigo, tais polêmicas, de resto já bastante conhecidas e comentadas²⁶, meu interesse aqui é recuperar um dos episódios pouco destacados na fortuna crítica dedicada ao assunto: as leituras divergentes de *Macunaíma* (1928), obra-prima de Mário de Andrade, empreendidas por Haroldo de Campos (1973) em *Morfologia do Macunaíma* (1973) e Gilda de Mello e Souza (2003) em *O tupi e o alaúde* (1979). Em minha opinião, talvez não seja descabido considerar o estudo de Gilda como uma réplica refletida em conjunto pelo casal

²⁵ Embora, em certas ocasiões, tenha aludido a respeito da mais conhecida delas: “Eu não creio que há o seqüestro do Barroco. Teria havido o seqüestro do Barroco se eu tivesse querido escrever uma história da literatura brasileira. Mas está explicado na Introdução que eu não quis fazer isso [...] Agora, o título do livro é muito infeliz, um título pedante seria *Prolegômenos ao estudo sobre a formação do sistema literário no Brasil sem com isso dizer que antes não havia manifestações literárias*. E nesse caso eu não daria lugar a dúvidas. Na verdade, o meu livro é um estudo sobre o Arcadismo e o Romantismo, que eu considero momentos decisivos, não de literatura propriamente dita, mas de formação do sistema literário. É curioso que minha introdução foi sempre treslada, mesmo por pessoas muito inteligentes.” (CANDIDO, 1997, p.10).

²⁶ Cf. MOTTA, 2002; GOMES JÚNIOR, 1998.

Mello e Souza²⁷ aos principais argumentos do trabalho de Haroldo. É o que passo a examinar.

Como se sabe, Haroldo de Campos foi convidado por Candido, no começo da década de sessenta, a assumir o cargo de professor assistente do curso de TLLC²⁸. Anos depois, em 1972, defendeu, sob a orientação (ainda que meramente formal) de Candido, como tese de doutorado na área de TLLC, o trabalho mencionado. Divergindo de parte da recepção crítica do romance que o considerava uma peça literária malograda e desarticulada, e aproximando-o da prosa de vanguarda e do cânone literário concretista (Oswald de Andrade e Mallarmé), Haroldo avista no trecho de *Macunaíma* uma rígida e encadeada seqüência narrativa, baseada nos princípios formais detectados no arcabouço dos contos de magia russo pelo linguista Vladimir Propp (1984) em *Morfologia do conto maravilhoso* (1984).

Instada²⁹ pela aparição e publicação de *Morfologia do Macunaíma*, Gilda redige sua resposta crítica ao trabalho de Haroldo, refutando ponto a ponto suas teses centrais – algo como uma arguição extemporânea³⁰ –, sustentando que o arranjo estrutural do romance derivaria do conjunto de pesquisas de Mário de Andrade sobre o universo da música popular e do processo criador do popular, e que sua regra básica de composição estaria assentada no funcionamento de dois princípios do processo compositivo da música popular (a variação e a suíte) e no fecundo consórcio de empréstimos e adaptações entre a música erudita e popular, representado de maneira emblemática pelos improvisos dos cantores do nordeste.

Após desenvolver a análise sobre a influência desse aspecto na obra, Gilda empreende, no segundo bloco do ensaio, o qual nos interessa mais diretamente, um ajuste de contas sistemático com as principais formulações da pesquisa de Haroldo. Refutando a analogia entre o desenvolvimento do trecho do romance e a estrutura fabular, interpretação que reduziria o alcance de “um fato admirável de parole à banalidade da langue” (PROPP, 1984, p.45), Gilda enumera os aspectos divergentes com relação à proposta de Haroldo, dos quais sobressaem a fidelidade excessiva com que o autor adotou o modelo analítico proposto por Propp, resultando em concessões ou “esquecimentos” de episódios fundamentais do romance (a saber: importância

²⁷ Não são raros entre o casal os exemplos de parceria intelectual. Waizbord (2007) sugere a influência mútua desta parceria durante a redação, que ocorreu em paralelo, de *A formação da literatura brasileira* (1959) e *O espírito das roupas* (1987).

²⁸ Como ele registra: “[...] eu fui realmente convidado por Antonio Candido para ser assistente dele. Isso depois do Congresso de Crítica Literária de Assis (SP) e de eu ter publicado na imprensa meus primeiros artigos sobre Oswald de Andrade (‘Miramar e Macunaíma’, de 63), depois também de eu ter sido escolhido por Candido para escrever os prefácios para a reedição da prosa e da poesia oswaldianas. Aconteceu que eu já tinha carreira feita, no campo jurídico, àquela altura. Nunca tinha dado aulas, achei que mudar de profissão poderia me complicar a vida.” (CAMPOS, 1992, p.6).

²⁹ Cf. WISNIK, 2007.

³⁰ Expressão utilizada por Perrone-Moisés (1980).

central do episódio de Vei; a posição estratégica da “Cartas para Icamíabas”; e a caracterização ambígua no retorno do herói).

Em lugar da homologia estrutural com o conto russo de magia, Gilda de Mello e Souza (2003, p.61) defende que “*Macunaíma* pode filiar-se, sob certos aspectos, a uma remota tradição narrativa do Ocidente, o romance arturiano, que por sua vez desenvolve um dos arquétipos mais difundidos da literatura popular universal: a busca do objeto miraculoso, no seu caso, o Graal [...]”, configurado por meio de uma narrativa cujo curioso jogo satírico “[...] oscila de maneira ininterrupta entre a adoção do modelo europeu e a valorização da diferença nacional.” Aproveitando as considerações do teórico russo Mikhail Bakhtin sobre os processos de carnavalização e dialogismo na literatura ocidental, Gilda demonstra que o romance poderia ser compreendido enquanto uma paródia do gênero e seu protagonista com uma versão estilizada do herói do romance de cavalaria³¹.

Não obstante se possa admitir que a atenção dedicada ao estudo de Haroldo de Campos decorra, à primeira vista, do fato de ele ser a análise mais importante para a compreensão da estrutura básica do romance, a investida de Gilda supera em muito uma mera revisão sobre as fontes bibliográficas pertinentes, deixando transparecer a dimensão da disputa sobre um objeto estimado aos grupos em contenda. Sob este aspecto, convém lembrar que a despeito das várias pesquisas realizadas sobre a obra de Mário de Andrade por pesquisadores ligados à área de TLLC, a obra-prima do escritor paulista não recebera até então nenhum tratamento particular. A atenção com que Gilda dissecou os argumentos analíticos da *Morfologia do Macunaíma*, e o destaque inesperado que lhes concede no movimento reflexivo de sua própria análise atestam a importância estratégica dessa leitura crítica. Sob a forma eufemizada de uma simples revisão bibliográfica “[...] tentarei agora discutir a posição de Haroldo de Campos, para adotar um ponto de vista diferente do seu [...]” (SOUZA, 2003, p.44), Gilda rechaça os principais argumentos e achados do trabalho, executando uma manobra intelectual no sentido de redefinir os critérios e parâmetros avaliativos legítimos de leitura do romance, revistos de acordo com o projeto crítico compartilhado com o cônjuge e, num nível mais amplo, com o grupo intelectual a que pertenceu na mocidade.

Da mesma forma que Candido em “Louvação da tarde” havia exaltado no poema uma retomada crítica e produtiva da tradição, num esforço de superação

³¹ Não deixa de ser significativo o fato de Candido ter ministrado, em 1967, para os alunos do quarto ano da graduação, o curso “Realidade e irrealidade na ficção”. Segundo depoimento do autor: “Para a Irrealidade eu estudei *A demanda do Santo Graal*, romance medieval, para mostrar onde é que estava a fantasia, aquela coisa do Fantástico. Para a dimensão da realidade estudei *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, depois publiquei pedaços desse estudo.” (CANDIDO, 1997, p.39). Isso em parte reforça minha hipótese de que o ensaio de Gilda tenha, no mínimo, sido discutido, ao menos em suas grandes linhas, em conjunto com Candido.

dos arroubos da proposta poética modernista em direção a uma poesia madura manifestando um lirismo mais profundo, e que tematiza certas obsessões da obra literária de Mário de Andrade (a tensão criativa entre os modelos literários herdados do Velho Mundo e a valorização do repertório local, a fusão de horizontes do eu com a preocupação com Brasil), Gilda destaca o manejo criativo do escritor entre a “velha herança européia e as fontes locais de inspiração”, numa meditação complexa sobre o país, aspectos que revelam a convergência de afinidades comuns entre o casal na perspectiva de abordagem crítica do escritor paulista.

Se a parcela mais significativa da produção crítica de Candido encontra-se associada à análise da prosa de ficção, os cursos sobre poesia ganharam destaque no programa institucional do curso de TLLC, veiculando suas concepções gerais sobre a natureza da literatura e sobre a formação da tradição literária no Brasil e repercutindo fundo na experiência acadêmica de seus membros componentes. A partir destes cursos o movimento literário modernista ganhou existência dentro dos muros universitários como temática de estudo e pesquisa, tornando-se decisivos na consolidação do prestígio amealhado por Candido e, por conseqüência, na emergência do curso de TLLC como um segmento hegemônico no âmbito da crítica literária praticada em São Paulo.

**ANTONIO CANDIDO, POETRY READER
(SURROUNDING AN ARTICLE BY ÍTALO MORICONI)**

ABSTRACT: *This article intends to explore some questions related to poetry analysis courses offered by Antonio Candido in the Course – and, after that, field – Literary Theory and Compared Literature, with special interest in 3 analysis fronts: a) describing the structure and dynamics of functioning in the course, highlighting the role of poetry-dedicated courses; b) advance in the discussion about the poetry concept defended by Candido, reassessing the tradition matter of his *paideuma* and his literary preferences; c) put into evidence the symbolic dispute to the modernist legacy which exists between the group around Candido and the concrete poets, by the reading of *O tupi e o alaude*, by Gilda de Mello e Souza.*

KEYWORDS: *Antonio Candido. Analytic study of the poem. Academic literary review in Sao Paulo. Literature sociology.*

REFERÊNCIAS

ANTELO, R. (Org.). **Antonio Candido y los estudios latinoamericanos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2002.

ARRIGUCCI JUNIOR, D. Entrevista. In: _____. **Outros achados e perdidos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

_____. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Tradução de Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CALDEIRA, J. R. de C. **IEB**: origem e significados: uma análise do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002.

CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. 4 ed. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. Notas de crítica literária – Sobre poesia. In: _____. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 2002a. p.129-134. (Espírito crítico).

_____. Notas de crítica literária – Duas notas de poética. In: _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002b. p.153-158. (Espírito crítico).

_____. O pioneirismo do mestre. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, p.94-95, 2002c. Edição Especial Fapesp 40 anos.

_____. A grande revolução cultural do país [jan./fev. 2002]. Entrevistador: Walnice Nogueira Galvão. **Leitura**, São Paulo, p.6-35, 2002d.

_____. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 2002e. (Espírito crítico).

_____. Entrevista. In: MARTINS, M.; ABRANTES, P. (Org.). **Três Antônio e um Jobim**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 89-129.

_____. Literatura, sociologia e educação. **Investigações**, Pernambuco, v.7, p 7-39, set. 1997.

_____. Carta de Antonio Candido. **Magma**, São Paulo, n. 2, p.31-36, 1995a.

_____. Inquietudes na poesia de Drummond. In: _____. **Vários escritos**. 3.ed. rev e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995b. p.111-145.

_____. **Vários escritos**. 3.ed. rev e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995c.

_____. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995d. (Fundamentos, 1).

_____. Os vários mundos de um humanista. [jun. 1993]. Entrevistadores: Gilberto Velho e Yonne Leite. **Ciências Hoje**, Rio de Janeiro, v.16, n 91, p.28-41, 1993a.

_____. O poeta itinerante. In _____. **O Discurso e a Cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993b. p.257-278.

_____. Entrevista. In: _____. **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Ed.da UNESP, 1992. p.229-246. (Biblioteca básica).

_____. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: EDUSP, 1988. (Passado & presente. Teses).

_____. Memorial apresentado para concurso de professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1974.

_____. Teoria da Literatura e Pós-graduação. **ALFA**, Marília, n.18/19, p.415-417, 1973.

CAMPOS, H. A vida concreta de Haroldo de Campos. [abr. 1992]. Entrevistador: Nelson Ascher. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5, abr. 1992. Caderno Mais!, p.6-8.

_____. **O seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira**: o caso Gregório de Mattos. Salvador: Casa de Jorge Amado, 1989. (Coleção casa de palavras).

_____. **Morfologia de Macunaíma**. São Paulo: Perspectiva, 1973. (Debates Coleção Estudos, 19).

FORJAZ, M. C S. **As Ciências Sociais na Fapesp**. São Paulo: IDESP, 1989. (Série História das Ciências Sociais, 10).

GALVÃO, W. N. A aula. In: D'INCAO, M. Â.; SCARABÔTOLO, E. F. (Org.). **Dentro do texto, dentro da vida**: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.48-49.

GOMES JUNIOR, G. S. **Palavra peregrina**: idéias barrocas e o pensamento sobre artes e letras no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1998.

LOPEZ, T. A. Ser aluna de Antonio Candido. In: D'INCAO, M. Â.; SCARABÔTOLO, E. F. (Org.) **Dentro do texto, dentro da vida**: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.41-47.

MORICONI, Í. Conflito e integração: a pedagogia e a pedagogia do poema em Antonio Candido – notas de trabalho. In: ANTELO, R. (Org.). **Antonio Candido y los estudios latinoamericanos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2002. p.249-281.

MOTTA, L. T. **Sobre a crítica literária brasileira no último meio século**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

PERRONE-MOISÉS, L. Resenha de O Tupi e o Alaúde. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27 jan. 1980. Suplemento Cultural, p.4.

PONTES, H. **Destinos mistos**: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

PRADO, A. A. Anotador à margem. In: D'INCAO, M. Â.; SCARABÔTOLO, E. F. (Org.). **Dentro do texto, dentro da vida**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.135-141.

PROPP, V. Ia. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Seguido de “O estudo tipologico-estrutural do conto maravilhoso” de E. M. Meletinski e da “Polêmica Propp-Levi-Strauss”. Tradução do russo de Jasma Paravich Sarkan. Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

RAMASSOTE, R. M. **A formação dos desconfiados**: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961 – 1978). 2006. 165f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ROCCO, M. T. F. Antonio Candido, sempre agora. **Revista USP**, São Paulo n.13, p.173-178, mar./maio 1992.

SOUZA, G. de M. e. **O Tupi e o Alaúde**: uma interpretação de Macunaíma São Paulo: Ed. 34: Duas Cidades, 2003.

SOUZA, G. de M. e; CANDIDO, A. Estrela da vida inteira. In: SOUZA, G. de M. e. **Exercícios de leitura**. São Paulo: Duas Cidades, 1980. p.57-77.

WAIZBORT, L. **A passagem do três ao um**: crítica literária, sociologia, filologia. São Paulo: Cosac & Naif, 2007.

WANDERLEY, J. **Arquivo/ensaio**. São Paulo: EDUSP, 1994. (Criação & critica, 15).

Antonio Candido, leitor de poesia (em torno de um artigo de Ítalo Moriconi)

WISNIK, J. M. O ensaio impossível. In: MICELI, S.; MATTOS, F. **Gilda, a paixão pela forma**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul: FAPESP, 2007.

Recebido em março de 2009

Aprovado em maio de 2009

